



VARIAÇÃO, MUDANÇA, LETRAMENTO E TECNOLOGIA LANGUAGE, VARIATION, CHANGE AND LITERACY

Maria Cecilia Mollica¹

Daillane Avelar²

Hadinei Batista³

Resumo

O artigo analisa o efeito do letramento e da tecnologia na mudança linguística. A variável dependente em análise são as anáforas pronominais em construções relativas em diferentes funções sintáticas. A análise se volta para dados de amostras do PEUL, para estruturas encontradas na mídia televisiva e nas produções textuais de escolares. As variáveis independentes consideradas são sexo, escolaridade, idade, distância, traços semânticos pronome que encabeça a relativa. Os resultados apontam para a tendência de a cópia ser prevalente na função de sujeito com valor de tópico como estratégia de focalização e, assim, confirma a trajetória das cortadoras no PB. Testes com ferramenta tecnológica não comprovam a percepção dos falantes com relação às construções, embora haja algum impacto do letramento formal que concorre para empregos de construções e de estilos monitorados, retraindo a mudança no sentido contrário ao curso natural que vem tomando no português do Brasil.

Palavras-chave: Construções relativas; Mudança Linguística; Letramento; Tecnologia.

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq. E-mail:ceciliamollica@terra.com.br.

2 Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail:daillaneavelar@gmail.com.

3 Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail:hadinei@gmail.com.

Recebido em: 19/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Abstract

This article analyzes the effect of contact, literacy and technology on linguistic change. The dependent variable under analysis are pronominal anaphors in relative clauses in different syntactic functions. The analysis explores data from PEUL samples and is complemented with digital platform testing and data from the last decade in the television media and from textual productions of students attending basic education. The independent variables considered are gender, schooling, age, distance, and semantic features of the pronoun, heading the relative clause. The results point out the tendency to copy of the NP antecedent of the relative pronoun in the function of subject as a focalization strategy, confirming the trajectory of the chopping constructions (omission of the preposition before the relative pronoun in oblique functions) in Brazilian Portuguese. Technological tool tests do not prove the speakers' perceptions in relation to non-standard constructions although there is some impact of formal literacy that competes for uses of more monitored styles, refraining the course of change in its opposite direction to the natural course it has been taking in Brazilian Portuguese.

Keywords: Relative clauses; Language variation and change; Literacy; Technology.

Introdução

Este artigo focaliza o efeito do letramento na mudança linguística voltando-separa o uso das anáforas pronominais em construções relativas, analisadas inicialmente em Mollica (1977). Baseia-se em resultados registrados em Relatório de Bolsa de Iniciação Científica – CNPq processo: 101454/89-8, em evidências nas produções textuais de alunos e em dados coletados da mídia televisiva contemporânea. A utilização aparentemente redundante de um elemento pronominal anafórico dentro de uma construção relativa, em tempo real, também é manifestada variavelmente por falantes mais ou menos letrados, seja por jornalistas, seja por alunos de diversos níveis de ensino.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), estudar a língua em mais de um momento possibilita compreender suas transformações no tempo. Pesquisas que têm por objetivo verificar o processamento espontâneo dos falantes nos lares, entre amigos, nos clubes, parques, entre outros, são importantes para apontar o efeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos. Quanto à cópia nas relativas, a principal hipótese é a de que haveria uma diminuição do uso da anáfora devido ao aumento da escolarização do falante ou em função de outras variáveis, como o fato de o indivíduo passar a ler mais, a assistir a telejornais, a ter contato com falantes de nível escolar superior ao seu.

Vale então perguntar:

1. Estaria ocorrendo uma mudança estrutural motivada funcionalmente, com maior inci-

dência do fenômeno em posição de sujeito em relação à de objeto indireto?

2. Há uma relação de contato com as variantes de prestígio nas instituições como a agência escolar?

Os dados para a análise são da Amostra Painel, constituída de 16 falantes entrevistados na década de 80 e reentrevistados 20 anos depois pela equipe do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua, de acordo com o detalhamento em Paiva e Duarte (2003), computando 32 indivíduos em ambas as faixas temporais. Os percentuais do pronome cópia obtidos do levantamento dos *corpora* mencionados são ratificados por usos no século XXI, na fala e na escrita.

Atualmente, são muitas as ocorrências de *cortadoras* e *copiadoras* em programas televisivos, bem como as evidências em registros escritos produzidos por estudantes no Ensino Básico e Ensino Médio. Foram descartados referentes em primeira pessoa, como em *Porque eu sou uma criatura que eu tenho pena de todo mundo* (Amostra Censo), *Eu sou um cara que eu sou difícil de conviver*. Não foi considerada também a repetição do próprio termo na oração relativa, como em *Ela foi enfrentar um cara que o cara falou que era um assalto* (Amostra Tendência), tanto quanto a repetição realizada por um termo pronominal não pessoal e sim demonstrativo, como em *Houve umas brigas, umas confusões que eu não quero esquentar a cabeça com isso*. (Amostra Censo). Também não entraram no arquivo de dados, para análise, cópias expressas por *nós* e *a gente*: *Mas tem pessoas conhecidas aqui que nós* (pessoas + eu) *se encontramos, conversamos* (Amostra Tendência), *O Maguito, o* (inint.) *e os gêmeos também que a gente* (eu + Maguito + o (inint.) + os gêmeos) *estudamos juntos* (Amostra Tendência).

Análise em painel

Na comparação em painel das amostras 1980 e 2000, constata-se o decréscimo no emprego de cópias por meio de pronomes anafóricos que recuperam o SN cabeça. Aparentemente, é quase imperceptível a mudança nos indivíduos.

Amostras analisadas	% com anáfora	Peso Relativo
Censo – 1980	24/415= 6%	0.46
Recontato – 2000	14/334= 4%	0.55

Tabela 1: % Global da incidência da anáfora

Com diferença de 2% apenas num espaço curto de 20 anos, é possível afirmar que o fenômeno da cópia diminui enquanto aumenta a preferência pelas relativas cortadoras. Notem-se, porém, os percentuais arrolados na Tabela 2 de uso de anáforas. Por indivíduo, os usos são reveladores das condições por que são motivadas as anáforas quando emergem.

Falante	Amostra Censo (1980)	Amostra Recontato (2000)
Inf. 1	1/14= 7,1% &	0/16= 0% &
Inf. 2	3/19= 15,8%	2/22= 9%
Inf. 3	2/20= 10%	1/18= 5,5%
Inf. 4	0/16= 0% *	1/11= 9% *
Inf. 5	0/16= 0% *	1/19= 5,3% *
Inf. 6	1/31= 3,2% #	1/32= 3,1% #
Inf. 7	0/10= 0% *	1/18= 5,5% *
Inf. 8	1/38= 2,6% * #	1/36= 2,8% *#
Inf. 9	3/50= 6% &	0/17= 0% &
Inf. 10	1/20= 5%	1/13= 7,7%
Inf. 11	3/21= 14,3% &	0/11= 0% &
Inf. 12	4/25= 16% &	0/5= 0% &
Inf. 13	0/41= 0% *	2/23= 8,7% *
Inf. 14	3/22= 3,6% *	2/38= 5,3% *
Inf. 15	1/28= 3,6% #	0/22= 0% &
Inf. 16	1/43= 2,3% *#	1/35= 2,8% *#

Tabela 2: Percentual do fenômeno por indivíduo nas décadas de 1980 e 1990⁴

O quadro comparativo aponta que: a) alguns falantes alcançaram a redução de 100%, casos explicados ou pela escolarização, ou por exigências do mercado de trabalho, conforme a vida particular de cada indivíduo; b) o indivíduo obteve uma redução da forma não *standard* pouco ou nada expressiva, que se pode considerar estabilidade: incluímos como ocorrência de não mudança os falantes que apresentam um sutil (ínfimo) aumento desse percentual de 2,3% para 2,8 ou ainda de 3,6% para 5,3%; c) outros indivíduos exibiram aumento no índice do pronome cópia. Essa elevação no percentual pode ser esclarecida pelo fato de o falante já fazer uso da forma estigmatizada, conforme verificado nos anos 80, além de os sujeitos não terem passado por nenhuma modificação em suas vidas que viesse a tolher a progressividade da anáfora.

4 *Esses falantes que tiveram um aumento no percentual de incidência da anáfora explicam-se por motivos psicolinguísticos, visto que todos os casos encontrados ocorrem com distância entre o sintagma nominal e o relativizador.

Esses falantes apresentaram uma relativa estabilidade nesse espaço de tempo. Tais resultados podem ser esclarecidos ou pela não alteração do grau de instrução, ou pela não atuação desses indivíduos num mercado de trabalho que lhe exija o uso da forma padrão.

& Esses falantes apresentaram uma redução total nesse período temporal. Tais casos podem ser explicados, ou pela escolarização, ou pelas exigências do mercado de trabalho.

Em outras palavras, o falante já possuía a forma não *standard* e não houve nenhuma mudança em sua vida, como exigência de trabalho, alteração no nível escolar, obtenção de hábitos de leitura.

O letramento é vetor para a elevação de variedades prestigiadas e o aumento de anáforas no nível superior se deve à função claramente tópica de seu emprego.

Variáveis (A)	Amostra 1980 – Censo		Amostra 2000 – Recontato	
	Percentual (B)	Peso relativo (C)	Percentual (D)	Peso relativo (E)
Fundamental I	15/198=8%	0.61	2/92= 2%	0.32
Fundamental II	7/120=6%	0.55	1/30= 3%	0.48
Ensino Médio	5/196=3%	0.36	5/114= 4%	0.47
3º grau	-	-	6/98=6%	0.69

Tabela 3: Efeito da escolaridade sobre a emergência da anáfora

A escolaridade é pouco relevante, à exceção dos falantes que galgaram o nível universitário: vale conferir os percentuais e pesos relativos na amostra recontato nas colunas D e E. Na Tabela 4, as frequências do pronome cópia em cada série não levam em consideração a lacuna temporal. Foi preciso juntar os dados dos indivíduos de ambas as amostras. Pelos resultados que se seguem, ratificamos a atuação da instituição escolar como força inibidora da inovação linguística.

Nível escolar	% com anáfora	Peso Relativo
Primário (P)	16/184= 9%	0.45
Ginásio (Ensino fundamental) (G)	10/131= 8%	0.53
Segundo Grau (Ensino médio) (S)	13/271= 5%	0.48
Terceiro Grau (T)	6/98= 6%	0.61

Tabela 4: A atuação da escolaridade sobre o pronome cópia

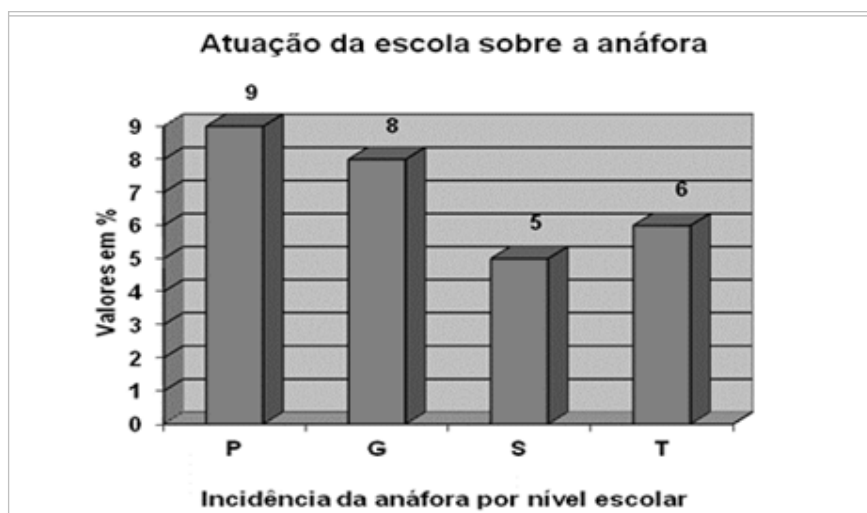


Gráfico 1: Atuação da escola sobre a emergência da anáfora

Com efeito, a escolaridade é variável de forte atuação para a redução dos casos em que a anáfora não é funcional: *A menina que eu trabalhei com ela*. Já nos casos em que é funcional, *Eu ganhei um cachorro da raça pequenez doentinho da minha professoraparticular que ele não sobreviveu*, a distância maior do operador da relativa exerce influênciana memória imediata concorrendo para a emergência da cópia.

Na Tabela 5, observem-se os quantitativos em relação à variável distância.

Variável	Am.Censo (1980)	Am. Recontato (2000)	% Geral
+ Distância	9/69= 13 %	12/102= 12%	21/171= 12,3%
- Distância	5/265= 2%	12/313= 4%	17/578= 3%

Tabela 5: Efeito da variável Distância sobre a emergência da anáfora

Mesmo o falante exibindo mais alta escolarização, pelos percentuais expostos na Tabela 5, o pronome cópia tem maior incidência quando há elemento interveniente entre o referente e o pronome relativo, como em *A menina de cabelo louro com lacinho vermelho na cabeça que ela quebrou a perna ontem* (Amostra). Pelo fato de haver mais anáfora concomitante à maior distância, o motivo se deve ao processamento linguístico. Em alguns contextos, para que haja maior clareza comunicativa entre os interlocutores de uma conversa, a anáfora torna-se recurso eficaz para que o indivíduo resgate ou retome o referente anterior.

No que diz respeito à variável animacidade, a tendência universal segundo a qual o índice de ocorrência da anáfora é maior com referente humano e animado, é ratificada. Os resultados das Tabelas 6 e 7 reafirmam o efeito importante de +animacidade para a emergência de anáforas em função de sujeito e objeto indireto.

Variável	Amostra Censo (1980)	Am.Recontato (2000)	% Geral
+ Humano	12/168= 7%	23/239= 10%	35/407= 8,6%
- Humano	2/166= 1%	1/176= 1%	3/342= 0,9%

Tabela 6: Efeito da variável Animacidade sobre a emergência da anáfora

Variável Função	Am. Censo (1980)	Am. Recontato (2000)
Sujeito	12/230= 5%	18/283= 6%
Objeto Indireto	0/80= 0%	1/10= 10%

Tabela 7: % da anáfora em função de Sujeito e de Objeto Indireto

No estudo de recontato, desconsideramos as funções de adjunto adverbial e adnominal em razão de as ocorrências serem raras. No entanto, estudos subsequentes vêm verificando que os sintagmas preposicionados apresentam mais anáforas, como em *este é o piloto que eu aposto nele sempre*. As anáforas, na amostra (2000), concentram-se integralmente na posição de sujeito, confirmando a tendência do PB para as cortadoras; na amostra mais antiga (1980), as anáforas aparecem nas funções de sujeito e de objeto indireto, nesta última com maior frequência. Embora na posição de sujeito não haja diferença estatisticamente significativa em relação à

posição de objeto indireto, a variação é relevante mediante redução total. A ausência da anáfora em posição de objeto indireto no recontato com os mesmos indivíduos leva-nos a supor que a variação esteja se concentrando no domínio sintático do sujeito, em utilização mais propriamente funcional da anáfora como recurso de topicalização. A hipótese de que o PB é uma língua de proeminência de tópico se confirma.


A [menina] do Paulo, que *ela* está fazendo aniversário hoje.

Figura 1: A anáfora como recurso de topicalização

Atestou-se apenas um único caso de anáfora na posição de objeto indireto, corroborando o valor funcional de topicalização e focalização, assim como a tendência para prevalência de relativas cortadoras em contextos em que não está envolvida qualquer questão informacional. No entanto, em Mollica (1977), há índices interessantes de cópia como objeto indireto. É notável o indício de a anáfora estar sofrendo encaixamento funcional e sua ausência ser prova da trajetória das cortadoras.

Reagrupamos os indivíduos de acordo com a faixa etária de 7 a 14 anos, em que os informantes, em sua maioria, estão se alfabetizando e ainda não ingressaram no mercado de trabalho; de 15 a 25 anos, em que os falantes já possuem nível escolar superior e/ou até mesmo universitário; de 26 a 49 anos, em que os indivíduos se concentram em plena atividade de trabalho, um período de grande tensão linguística, uma vez que a permanência no mercado produtivo exige a utilização da norma culta; a partir de 50 anos, período que chamamos de distenso (na ocasião da constituição da amostra), por haver *relaxamento* linguístico nos casos de pouca ou nenhuma atividade trabalhista, quadro que mudou na atualidade em razão do aumento da expectativa de vida, do envelhecimento da população. Esse reagrupamento da faixa etária não foi selecionado como relevante pelo programa estatístico, mas os percentuais podem ser observados a seguir.

Variável	% com anáfora	% sem anáfora
7-14 anos	5/50= 10%	45/50= 90%
15-25 anos	11/162= 7%	151/162= 93%
26-49 anos	16/260= 6%	244/260= 94%
A partir de 50 anos	13/212= 6%	199/212= 94%

Tabela 8: Resultados em relação à faixa etária⁵

Reagrupando os indivíduos de ambas as amostras em relação à escolaridade e anulando a variação temporal, o processamento dos dados selecionou essa variável como um fator relevante para a incidência da anáfora: 9% de pronome cópia pelos do Fundamental I; 8%, pelos do

⁵ Percentuais pertinentes à junção das Amostras Censo e Recontato.

Fundamental II; 5%, pelos do Ensino Médio; e 6%, pelos do nível universitário. Nesse ponto, vale ressaltar que os dados, com anáfora, realizados pelos falantes de nível escolar superior, ocorreram com distância, resultado que confirma que a escolaridade não atua na redução da variante desprestigiada quando ela possui valor funcional. Em outros termos, os falantes com grau de instrução maior não utilizam a anáfora em casos sem distância, o que revela que a escolaridade atua em contexto de baixa funcionalidade (com a ausência da distância e mais estigma). Na tabela abaixo, estão os resultados com pronome cópia com e sem distância por nível escolar.

Combinações	% com anáfora	% sem anáfora
D + P	8/43= 19%	35/43=81%
d + P	6/130= 5%	124/130= 95%
D + G	10/66=15%	56/66=85%
d + G	10/214= 5%	204/214= 95%
D + S	5/38= 13%	33/38= 87%
d + S	0/95= 0%	95/95= 100%
D + T	5/15= 33%	10/15= 67%
d + T	0/83= 0%	83/83= 100%

Tabela 9: Resultados amalgamando a escolaridade e a distância⁶

Ao utilizarem o pronome cópia, como reforço ao referente, os falantes realizam uma construção duplamente estigmatizada, quando em posição de sintagma preposicionado, pois se utilizam da reduplicação pronominal, como em *O bolo que eu gosto dele*”. Ao amalgamarmos a escolaridade à função, somente os falantes menos escolarizados empregam a anáfora em sintagmas preposicionados (adjunto adverbial, objeto indireto). Os informantes mais escolarizados utilizam exclusivamente em posição de sujeito, como inovação ou como topicalização.

Combinação	% com anáfora	% sem anáfora
P + Suj.	12/141= 9%	129/141= 91%
P + Sprep.	1/16= 6%	15/16= 94%
G + Suj.	16/198= 8%	182/198= 92%
G + Sprep.	2/18= 11%	16/18= 89%
S + Suj.	4/85= 5%	81/85= 95%
S + Sprep.	0/8= 0%	8/8= 100%
T + Suj.	5/43= 12%	38/43=88%
T + Sprep.	0/2= 0%	2/2= 100%

Tabela 10: Resultados amalgamando a escolaridade e a função⁷

Os resultados a seguir corroboram a concentração da anáfora em posição de sujeito por questões psicolinguísticas: 23% do pronome cópia em função de sujeito ocorrem concomitantemente ao traço de mais distância (D).

6 Percentuais pertinentes à junção das Amostras Censo e Recontato.

D = mais distância; d= menos distância; P= Primário; G= Ginásio; S= Segundo grau; T= Terceiro grau.

7 Percentuais pertinentes à junção das Amostras Censo e Recontato.

Suj.= Sujeito da oração; Sprep.= Sintagma Preposicionado.

Combinação	% com anáfora	% sem anáfora
Suj. + D	26/113=23%	87/113=77%
Suj. + d	11/354= 3%	343/354= 97%
Obj.Ind. + D	0/1= 0%	1/1= 100%
Obj.Ind. + d	1/12= 8%	11/12= 92%
Adj. Adv. + D	1/5= 20%	4/5= 80%
Adj. Adv. + d	1/26= 4%	25/26= 96%

Tabela 11: Resultados amalgamando a função e a Distância⁸

Atesta-se ainda o perfil favorecedor ao processamento da anáfora com mais distância.

Combinação	% com anáfora	% sem anáfora
F + D	7/59= 12%	52/59= 88%
F + d	2/193= 1%	19/193= 99%
F + D	16/51= 31%	35/51= 69%
F + d	8/165= 5%	157/165= 95%

Tabela 12: Resultados amalgamando os favorecedores e a distância⁹

Efeito da tecnologia e da escola

Batista & Mollica (2015), através de testagem aplicada em ambiente virtual, investigaram a percepção e avaliação de alunos da Educação Básica em relação às construções relativas. Os alunos foram motivados a revisar enunciados compostos de relativas copadoras e cortadoras, mas as respostas dos utentes via web evidenciam que uma geração de internautas se mostra desatenta em eliminar construções desprestigiadas.

A pesquisa possibilitou diagnosticar que a escrita formal padrão sofre forte influência de construções típicas da oralidade, semelhante aos achados de Quadrio (2016). O impacto dos materiais instrucionais e da educação formal não tem surtido o efeito esperado em relação a empregos linguísticos monitorados, a não ser que trabalhados com metas claras, como o fez Mollica (2003). O estreitamento com novas tecnologias, pois, é simplesmente indiferente.

Os estudos de Weinreich (1970 [1953]) aprofundaram o conhecimento sobre o contato, abordando questões voltadas à manutenção e substituição de formas em relação ao isolamento geográfico da comunidade, religião, escola, casamentos interétnicos. Entre outros aspectos, demonstram como o estreitamento entre comunidades e o letramento variáveis concorrem para o exame de acomodação por parte de falantes na produção de variantes de prestígio (WEINREICH, 1970 [1953], p. 86):

⁸ Percentuais pertinentes à junção das Amostras Censo e Recontato.

Suj.= Sujeito da oração; Obj. Ind.= Objeto indireto; Adj. Adv.= Adjunto Adverbial

⁹ Percentuais pertinentes à junção das Amostras Censo e Recontato.

f = falantes que não são favorecedores à realização da anáfora

F = falantes que são favorecedores à realização da anáfora

Socio-cultural factors which can determine personality traits [traços], preferred languages habits, and typical speech situations are relevant to the control of interference. To ascertain how the various factors may best be grouped and studied is a formidable sociolinguistic research problem itself.

No que diz respeito à escola, notamos que o ensino formal tem forte influência na fala do indivíduo. Muitos estudos mostram como a escola pode inibir a pronúncia de formas não *standard* (WEINREICH, 1970 [1953], p. 88):

The school, for instance, in most literate societies checks people's freedom of speech behavior and acts as a deterrent to the "free" development of the language. In the unilingual situation it helps maintain a conservative, standardized language; in the bilingual situation it supports, in addition, the norms of the language against unchecked foreign borrowings.

Para Votre (2008, p. 51), a escola "atua como preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudanças em curso nessas comunidades". Quanto mais alto o nível de escolaridade do informante, maiores as chances de utilizar formas prestigiadas. Em relação ao estudo de Avelar (2015), isso ficou comprovado, todavia nada se confirmou até agora em Educação quanto às vantagens dos recursos tecnológicos.

Avelar (2015) pesquisou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ na fala dos atuais descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa/ES. As oclusivas dentais podem ser pronunciadas de duas formas: como [ti] e [di], em algumas variedades do português e, em outras variedades, palatalizadas [tʃ] e [dʒ], forma mais usada na maioria dos estados brasileiros. Na Grande Vitória/ES, o /t/ e /d/ sofrem o processo de palatalização, ou seja, as pronúncias podem ser: [ta, te, tɛ, tʃi, to, tɔ, tu] ou [da, de, dɛ, dʒi, do, dɔ, du]. Os fonemas /t/ e /d/ nas línguas de imigração italiana apresentam distinção fonológica entre /t/, /d/, /tʃ/ e /dʒ/, portanto a troca altera o sentido. Dessa forma, descendentes de imigrantes italianos utilizam a pronúncia das oclusivas dentais com influência do dialeto italiano, como [ti] e [di], *direitinho, existia, latim, assisti, científico enchente, principalmente, antigamente, parte, lotes e vinte*.

Os resultados de Avelar informam que os informantes que passaram mais tempo na escola palatalizaram mais; já os menos escolarizados utilizaram o português com forte influência do dialeto italiano. O estudo constatou também que os mais jovens estão perdendo as marcas linguísticas da língua de imigração em relação aos mais velhos. Em linhas gerais, os dados evidenciam que a pronúncia de /t/ e de /d/ diante de /i/ com influência da língua de imigração é favorecida pelos homens menos escolarizados com mais de 50 anos. Os resultados indicam mudança em progresso, proveniente do contato linguístico: os indivíduos mais jovens apresentam poucas marcas do italiano que, com o tempo, deixará de ser falado. Um paralelo interessante pode ser traçado com os sujeitos mais jovens e mais velhos na escola com relação aos usos de

relativas cortadoras, se bem que encontramos, de oitiva, inúmeras ocorrências de cortadoras e copiadoras produzidas por jornalistas de diferentes idades, na mídia televisiva, com nível superior.

Em síntese

No que diz respeito às relativas copiadoras, a análise em painel demonstra declínio de anáforas pronominais, salvo nos contextos em que a focalização do referente é proposital. Os fatores linguísticos distância, animacidade e função apontam variação tímida, pressionada por força de retração do grau de escolaridade: a tendência às cortadoras é vetor de normatização da regência de verbos como *precisar*, *referir*, *falar*, *participar*, por exemplo, na direção da deriva de transitividade direta do PB.

Os falantes se mostram pouco sensíveis ao fenômeno das relativas, conforme atestou o estudo de Batista & Mollica (2015), pois são influenciados pelo impulso geral à simplificação das construções subordinadas. As cortadoras configuram evidente estratégia de esquiva, já que a copiadora requer operações sintáticas e cognitivas mais complexas.

1. Essa cerimônia que ela participou hoje que tava o Ministro Tofoli é para mostrar a confiabilidade do nosso sistema democrático.....” (Jornalista da Globonews, em 11/10/2018).

2. Vai haver um evento que reunirá um conjunto de mães que os filhos sumiram e os corpos não foram recuperados. (Jornalista da Globonews, em 15/10/2018).

3. Dá pra fazer uma refeição simples sem carboidrato que você pode adquirir açúcar no sangue. (apresentadora do MAIS SAÚDE, em 15/10/2018).

Em comparação a formas como *nós vai*, as relativas cortadoras não são tão estigmatizadas. A sensibilidade reduzida dos falantes em relação à operação canônica das construções relativas possivelmente decorre de completo desconhecimento gramatical, de impulso a processamento de construções mais econômicas, opção pelas construções menos marcadas.

É de se supor que a abordagem atualmente feita na escola não parece suficiente para despertar no alunado atitude estigmatizadora em relação a construções não monitoradas, e tal fato ainda pode explicar-se por eventuais diretrizes pedagógicas implementadas no que tange ao ensino de gramática. Se assim for, confirma-se que os padrões normativos não são condição suficiente para a constituição de avaliação positiva ou negativa e para o estabelecimento do preconceito linguístico.

Referências

AVELAR, D. dos S. *A variação das oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos em Santa Teresa/ES*. Vitória: UFES, 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) em Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras, UFES, Vitória, 2015.

MOLLICA, M.C. *Estudo da Cópia nas Construções relativas em Português*. Rio de Janeiro: PUC - Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) em Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1977.

MOLLICA, M.C. *Da fala coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: Editora 7LETRAS, 2003.

QUADRIO, A. *A hipossegmentação no segundo segmento do ensino fundamental – alunos típicos e atípicos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. Dissertação (Mestrado em PROFLETRAS) em Programa de Mestrado Profissional em Letras. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

VOTRE, S.J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p.51-57.

WEINREICH, U. *Language in contact; findings and problems*. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Sobre Dinah Callou — Maria Cecília Mollica¹⁰

10 Dedicamos a presente análise à **Profa. Dinah**, pela notável habilidade em saber despertar o respeito e admiração de muitas gerações.